

A SOLIDARIEDADE HUMANO-CRISTÃ COMO MANIFESTAÇÃO DA GRAÇA

José Luiz Negri

Introdução

Nos gestos e atitudes de muitos homens e mulheres do Antigo e do Novo Testamento e de homens e mulheres que ao longo de toda a história procuraram viver sua vocação humana e cristã na dimensão da solidariedade, podemos perceber a Graça de Deus presente no mundo. Movidos por essa Graça, somos interpelados a continuar manifestando em nosso contexto histórico a solidariedade do Deus da vida.

A vida toda de Jesus Cristo foi testemunhada pelos primeiros cristãos como manifestação da Graça de Deus neste mundo, assim como os grandes profetas para os judeus e Maomé para os muçulmanos.

O Verbo encarnado de Deus passando por esta vida fazendo o bem e ensinando o caminho da solidariedade manifesta em plenitude a graça de Deus presente na história. É a partir de sua proposta gratuita que iniciamos esta reflexão sobre a importância da solidariedade para o resgate da vida e da dignidade humana.

O texto escolhido como referência de uma atitude solidária é o da parábola do Samaritano relatada no evangelho de Lucas (10,25-37). No gesto daquele samaritano podemos perceber a manifestação da Graça de Deus e o exercício da missão na grandeza de uma solidariedade a serviço da vida.

1. A solidariedade na obra de Lucas

A obra de Lucas recolhe os ideais do cristianismo primitivo como movimento revolucionário em favor dos pobres e deserdados. Os bens não são um mal em si mesmos. O problema é quando eles são acumulados por uma minoria. Em Atos dos Apóstolos Lucas apresenta o ideal de uma comunidade fundamentada na partilha dos bens. Esta partilha era motivada pela solidariedade aos mais pobres. No projeto humanitário de Jesus não poderia haver indigentes. A partilha devia ser feita segundo a necessidade de cada um (At 2,42-45; 4,32-35).

Seguindo a reflexão de Pablo Richard podemos afirmar que “o espírito da *koinonia* da primeira comunidade poderia ser resumido nestas palavras”:

“Cada um dava segundo as suas possibilidades,
cada um recebia segundo a sua necessidade,
não havia necessitado entre eles”.

“O objetivo da prática da *koinonia* era, continua Pablo, a ausência de necessitados e pobres entre eles”. [...] “Este espírito da primeira comunidade é normativo para todos os tempos...”

2. A solidariedade vai acontecendo no caminho

A perícopes que abordaremos para falar da “solidariedade como manifestação da Graça de Deus” é conhecida como “Parábola do Bom Samaritano”. Ela está inserida na grande caminhada de Jesus e seus discípulos para Jerusalém. Esta seção que começa em 9,51 e termina em 13,21 recolhe a maior parte dos ensinamentos de Jesus aos discípulos que o seguem pelo caminho.

Na primeira etapa desta caminhada (9,51-10,42), Jesus prepara os discípulos para a missão pós-pascal. A solidariedade dos discípulos (samaritano) sinaliza a Graça libertadora de Deus na história e atualiza o seu Reino na vida dos excluídos.

Lucas coloca no começo da caminhada dos discípulos um desafio que já estava sendo enfrentado pelas primeiras comunidades: a rejeição da proposta de Jesus por parte dos samaritanos. Na missão de abrir as fronteiras vão encontrando muitas dificuldades. A primeira delas se situa justamente em território samaritano (9,51-56).

Na perícopes seguinte (9,57-62) os discípulos que querem seguir a Jesus são instruídos a não desanimarem diante da falta de apoio familiar e diante das inseguranças sociais, pois “as raposas têm tocas, as aves dos céus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (9,58).

Em 10,1-20 Lucas relata o envio dos discípulos que prolonga a missão iniciada por Jesus com a mesma liberdade e riscos que dela decorrem. Como pobres e sem garantias de sucesso, são enviados aos povoados.

Numa explosão de alegria Jesus louva ao Pai por ter revelado os mistérios do Reino aos pobres e pequeninos manifestando assim solidariedade para com os últimos e excluídos do sistema socioreligioso de seu tempo (10,21-24).

Lucas termina esta seção com dois ensinamentos sobre a atitude de um verdadeiro discípulo: primeiro, fazer a vontade de Deus ou cumprir a Torah consiste em ser solidário ao próximo no amor e no serviço em defesa da vida que se encontra ameaçada. Amor aberto a todo ser humano que se encontra necessitado (10,25-37); segundo, colocar-se na escuta da Palavra de Deus, como fez Maria, irmã de Lázaro, e no serviço da casa, como faz Marta. São duas atitudes que devem ser conservadas na vida e missão dos verdadeiros discípulos e discípulas de Jesus.

3. A parábola do samaritano: Lucas 10,25-37

No caminho para Jerusalém Jesus ensina aos discípulos acerca do modo prático de realizar a vontade de Deus, ou seja, cumprir a Torah. Nesta parábola Jesus deixa claro que só ama a Deus de verdade quem é solidário com o necessitado. Amar ao próximo é para Jesus cumprir a Torah em sua totalidade.

Seguindo o raciocínio de Rinaldo Fabris em seu comentário sobre o evangelho de Lucas, escolhamos alguns aspectos que para o nosso tema são de grande relevância¹. O ensinamento de Jesus ocorre em dois momentos: no diálogo com o escriba e no relato da parábola do samaritano. O diálogo com o legista inicia-se com uma pergunta que os discípulos judeus faziam aos seus mestres: “Que devo fazer para receber a vida eterna”? O mestre lembrava então o princípio da Torah que é o amor incondicional a Deus formulado em Deuteronômio 6,5: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças...”

O princípio do amor ao próximo é também conhecido na tradição bíblica em forma de síntese em Levítico 19,18b: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo...”. Estes dois princípios são encontrados no evangelho de Mateus como síntese de toda a Lei e os Profetas (Mt 22,37-40).

A união destes dois princípios – amor a Deus e ao próximo – que regia a vida religiosa e moral remonta ao que de melhor existe na tradição judaica. Esta tradição é testemunhada em alguns textos do judaísmo helenístico²

Assim sendo, Jesus não acrescenta um ensino novo sobre o cumprimento da Torah, mas propõe uma nova maneira de realizar a vontade de Deus no encontro com o próximo caído à beira do caminho. Jesus concorda com o Escriba acerca do conteúdo da Torah, mas se separa dele no modo de colocá-lo em prática. A partir da pergunta do escriba – “quem é o meu próximo”? – Jesus oferece uma chave para uma autêntica maneira de fazer a vontade de Deus, ou seja, de cumprir a Torah: a prática da solidariedade.

No Antigo Testamento, próximo era o compatriota israelita e o estrangeiro inserido na comunidade de Israel que deveria ser amado como a um israelita (cf. Lv 19,33-34). No tempo de Jesus, próximo era apenas o membro dos grupos religiosos (fariseus, essênios, zelotes).

A estrada que ligava Jerusalém a Jericó era marcada por uma região desértica propícia para o ataque de salteadores (zelotes). O sacerdote e o levita que estão voltando do Templo para casa descansar não prestam socorro ao homem ferido e caído por não pertencer ao seu grupo. Mas um samaritano, israelita bastardo, se coloca a serviço do homem assaltado e ferido.

Como? Lucas apresenta os detalhes: usa o vinho que levava na viagem como desinfetante e o óleo para aliviar a dor. São os primeiros socorros. Em seguida transporta-o até a hospedaria e deixa pago comida e hospedagem e ainda combina com o hospedeiro de pagar gastos extras com os cuidados do homem ferido.

1. FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Lucas – Tradução e comentários*, em: os Evangelhos (II), R. Fabris e Bruno Maggion. São Paulo: Loyola, 1998, p. 125-127.

2. O *Testamento dos Doze Patriarcas* contém expressões que lembram a síntese evangélica do amor a Deus e ao próximo: “Amai o Senhor e ao próximo” (*Test Is* 5,2); “Amarás o Senhor e o próximo com todo teu coração” (7,6); “Amai o Senhor com toda a vossa vida e uns aos outros de coração sincero” (*Test Dan* 5,3). É provável que o apócrifo que chegou até nós em língua grega tenha sido influenciado pelos cristãos.

Com esta parábola Jesus não responde diretamente a pergunta do escriba – “quem é o meu próximo” – , mas recoloca a questão no sentido de mostrar como alguém se torna próximo. E a resposta se encontra na prática da solidariedade. A solidariedade humana rompe as barreiras religiosas, culturais e sociais. Assim sendo, é o samaritano que pouco ou nenhum conhecimento tem da Torah quem realmente faz a vontade de Deus e não o escriba, o sacerdote e o levita, ambos fechados no seu sistema jurídico e religioso.

Nesta parábola Jesus não quer propor apenas um exemplo a ser imitado, mas abrir perspectivas para novas relações humanas fundadas no amor e na solidariedade.

4. Graça e missão na solidariedade samaritana dos latino-americanos

Assistimos ao longo destes 500 anos de presença cristã e missionária na AL uma situação análoga àquela da parábola do samaritano. O colonialismo de outrora se transformou em neocolonialismo e este no neoliberalismo que globaliza a economia em favor de alguns privilegiados, continuando assim a estrutura de dominação sobre os índios na forma cruel do genocídio, sobre os negros sob a forma de dura servidão e sobre a classe trabalhadora com a exploração do trabalho, produzindo o enriquecimento injusto de uma elite privilegiada à custa do empobrecimento e da miséria das grandes maiorias. O resultado é a exclusão de uma multidão de miseráveis assaltados por essa estrutura econômica e caídos à beira do caminho à espera de alguém que lhes estenda a mão como fez o samaritano da parábola³.

Como percebemos, esta servidão que assistimos no passado continua até mais forte hoje sob o rolo compressor do neoliberalismo que abriga outros senhores no poder. Na Conferência realizada em Puebla, em 1968, os bispos latino-americanos constataram que “do coração dos vários países que formam a AL está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e reclama por justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos (...). O clamor é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador”⁴.

Será que a comunidade cristã em nosso continente foi próxima a esta multidão de caídos, vítimas de todo tipo de espoliação? Será que ela realizou toda a parábola de Jesus sem esquecer seu papel samaritano?⁵ Não foi também sacerdote e levita que passou ao largo, insensível e cúmplice da dominação?⁶

Na conferência realizada em Puebla, 1979, a Igreja católica da AL reconhece oficialmente que nem sempre se preocupou suficientemente com os pobres e nem sempre

3. Cf. BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 4ª ed., 1997, p. 47-58.

4. Puebla, n. 87, 89.

5. Sobre o papel samaritano da Igreja na América Latina, ver: E. DUSSEL, *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 165-198. O autor mostra que desde o princípio alguns setores da Igreja latino-americana se comprometeram com os pobres conforme a atitude de alguns bispos e as prioridades de inúmeros sínodos e concílios provinciais.

6. BOFF, L. *Do lugar do pobre...*, op. cit., p. 48.

se portou de forma solidária com eles⁷. E o que dizer dos cristãos de outras denominações ou igrejas cristãs?

E hoje, será que nós cristãos exercemos uma ação samaritana? O Evangelho de Jesus Cristo nos interpela a continuarmos exercendo uma missão libertadora manifestando assim a graça de um Deus solidário no meio do povo sofrido e excluído em todas as suas dimensões.

5. Graça e missão no testemunho das comunidades cristãs

Diante das necessidades básicas do povo, de sua luta contra a fome, a enfermidade e a falta de moradia, diante, enfim, de todo tipo de humilhação que fere a dignidade humana, muitos setores da Igreja latino-americana entenderam que para ser fiéis ao Evangelho, à experiência das primeiras comunidades e aos “sinais dos tempos” deviam colocar-se ao lado dos “caídos à beira do caminho”, como ensina a “Parábola do Bom Samaritano”. Pena que nem todos assumiram esta atitude solidária, agindo, ao contrário, como o sacerdote e o levita daquele episódio do evangelho (cf. Lc 10,25-37).

Na medida em que os cristãos se aproximam da realidade dos pobres retomam o caminho da solidariedade. Tomando iniciativas no campo social, vão construindo uma nova cultura solidária em contraste com a cultura individualista e consumista das classes dominantes e que acaba afetando até as classes mais humildes. Como se dizia nos acampamentos dos sem-terra: “Existem muitos lambaris (peixe miúdo) com cabeça de tubarão”.

A descoberta de um Deus amor e solidário desperta os cristãos a viver em pequenas comunidades espalhadas no meio dos pobres e assumindo uma nova configuração.

Estas comunidades são formadas por gente que sofre todo tipo de humilhação. Neste espaço comunitário encontramos os sinais da Graça de Deus na missão daquelas pessoas que socorrem os desesperados por causa da fome, da falta de moradia, da falta de assistência à saúde, do desemprego e da falta de oportunidades na escola.

Diante de uma situação de miséria, tais comunidades reagem, denunciando as injustiças e acolhendo as pessoas necessitadas com a mesma compaixão que Iahweh teve para com o povo oprimido no Egito (cf. Ex 3,7-8) ou com a mesma solidariedade de Jesus que, vendo a multidão desorientada e com fome, acolhe-a para o ensinamento, a organização e a partilha do pão (cf. Mc 6,30-44).

Podemos perceber aqui um novo modo de ser cristão numa “comunidade samaritana” que se compadece, compartilha, cura e acolhe àqueles que estão caídos à beira do caminho, feridos e assaltados por um sistema injusto e cheio de iniquidades.

As primeiras comunidades cristãs entenderam que Jesus levou a sério o sofrimento corporal, psíquico e social das multidões empobrecidas e ensinou a seus discípulos a fazerem o mesmo. Somente com esta compaixão e com estes gestos de acolhi-

7. Cf. Puebla, n. 1140.

da, as comunidades eclesiais hoje poderão tornar-se sinais do Reino que chega aos pobres e marginalizados deste continente de multidões abandonadas.

A Graça de Deus pode ser encontrada ainda hoje no afeto, na amizade, na festa, nos laços de família e no companheirismo presentes na vida dos pobres. Estes são valores acolhidos e celebrados nestas comunidades. A necessidade de pão, de teto e de saúde fortalece entre os pobres sua capacidade de partilha, afeto e de acolhida fraterna. As comunidades cristãs vão se tornando um espaço vivencial de acolhida, de fraternidade e de solidariedade. Sua missão é estar não só a serviço dos necessitados, mas também no fortalecimento da acolhida entre eles para viverem numa nova família de irmãos e irmãs cuja principal característica é a solidariedade.

Numa sociedade que sistematicamente despreza os pobres e marginalizados, as comunidades eclesiais constituem-se um espaço onde cada um se sente acolhido solidariamente a partir de sua dignidade. Numa sociedade onde a cultura individualista, veiculada e alimentada pelos meios de comunicação de massa, ameaça a vida e fere a dignidade humana, trazendo angústias, medo, insegurança e frustrações aos pobres, as comunidades cristãs subsistem como lugar de encontro e convivência, de apoio mútuo e de serviço aos mais carentes. Em um povo que, apesar de ameaçado pela tristeza e pela angústia da doença e da morte, ainda é capaz de festejar os sinais de vida. Ali pode ser encontrado um espaço de convivência alegre, onde as pessoas podem conversar, dialogar, rir, e, agradecidas, celebrar o Deus da vida que ressuscitou a um crucificado, Jesus Cristo, arrancando-o da morada dos mortos⁸.

A acolhida mútua, a responsabilidade de uns pelos outros, a reconciliação e a celebração comunitária são expressões concretas do amor de Jesus Cristo na vivência das comunidades, conforme notamos nos evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e, sobretudo, nas cartas de Paulo. Ao dirigir-se às comunidades, o apóstolo Paulo exorta aos irmãos e irmãs a acolherem-se e perdoarem-se mutuamente, carregando o fardo uns dos outros, animando aos desanimados, levantando os caídos, elogiando-se e honrando-se uns aos outros, alegrando-se juntos e perseverando em ação de graças (cf. Cl 3,12-14; 1Ts 5,14-18).

O amor mútuo e a reciprocidade são de fundamental importância para o testemunho solidário da comunidade dos seguidores de Jesus. Todos devem ser tratados como iguais, pois todos são importantes, cada um responsável pelos demais e pelas tarefas comuns, segundo a originalidade e dons próprios de cada um. Este foi o legado deixado pela comunidade primitiva: “ninguém entre eles era indigente”.

O Papa João Paulo II, em sua primeira visita ao Peru, disse que os pobres têm “fome de pão” e “fome de Deus”. Os cristãos comprometidos com a justiça e a paz entendem que a “fome de pão” é um mal injusto que deve ser erradicado para que todos possam viver com dignidade. A “fome de Deus” é um bem inesgotável que deve ser reconhecido e alimentado. Pois bem, as comunidades são este espaço onde os pobres sa-

8. MUÑOZ, R. Experiencia popular de Dios y de la Iglesia. In: V.V.A.A. *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*, 1992, p. 167.

ciam sua fome de Deus e se fortalecem na luta para erradicar a fome de pão. É neste sentido talvez que poderíamos entender a resposta de Jesus ao tentador: “Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4).

É na vivência comunitária da fé em um Deus que se compadece, quando vê e toma conhecimento do sofrimento injusto do povo, que fazemos experiência de sua ação libertadora a partir dos empobrecidos. Este é o Deus de Jesus Cristo que se coloca solidariamente do lado dos abandonados pelo sistema injusto de seu tempo, curando os maltratados, libertando os cativos e levantando os caídos.

Os cristãos destas comunidades descobrem na Bíblia o rosto do Deus vivo, compassivo e cheio de misericórdia e sua identidade de povo escolhido e enviado em missão no mundo e para o mundo.

6. Graça e missão no testemunho profético dos cristãos latino-americanos

O anúncio profético do Evangelho custou aos cristãos latino-americanos muita perseguição e o sangue de muitos mártires. A realidade eclesial latino-americana é marcada pelo testemunho e profetismo. Muitos cristãos e cristãs vêm cumprindo sua função profética na sociedade como um sinal de justiça e paz, de amor e reconciliação. É assim que procedem no anúncio de Jesus Cristo e do Reino, questionando as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais dos sistemas e ideologias que exploram e instrumentalizam os mais pobres para chegar ao poder.

O martírio sofrido por diversas lideranças religiosas e políticas na América Latina é um testemunho da solidariedade cristã e da fidelidade ao Evangelho. Muitas mulheres e homens, a exemplo de Jesus, tiveram que ser entregues por causa de sua opção em defesa da vida ameaçada tanto no campo social quanto no campo ambiental⁹.

A reflexão sobre a experiência da perseguição e do martírio em nosso continente tem dado força e valorizado uma teologia que prioriza a vida, permitindo compreender que a opção pelos pobres e excluídos é, justamente, uma opção pelo Deus da vida revelado em Jesus Cristo e em todos os que o seguem fielmente¹⁰.

7. Graça e missão numa solidariedade ecológica

A atuação da Graça desperta no ser humano, independentemente de raça, cor, cultura ou religião, um amor-comprometido com a vida em sua totalidade.

9. Em fevereiro de 1995, os bispos da Guatemala entregaram uma primeira lista de mártires ao papa. Nela aparecem nomes de indígenas e camponeses que serviam a seus irmãos nas comunidades como catequistas e ministros da Palavra. Esta lista poderia ser aumentada, se fossem levadas em conta lideranças de movimentos sociais que mesmo não sendo participantes assíduas das comunidades, morreram em defesa do direito e da justiça.

Nos últimos anos do primeiro milênio foram mortos Padre Josimo e Chico Mendes na luta pela terra e pela conservação do meio ambiente respectivamente. No início do segundo milênio Irmã Dorothy Stang foi assassinada por defender a causa das populações empobrecidas da região da Amazônia. A lista dos mártires no Brasil e América latina não para por aí, é muito maior. Citamos estes exemplos só para despertar a memória de outras lideranças que morreram na luta em defesa da vida.

10. Cf. G. GUTIÉRREZ, *¿Dónde dormirán los pobres?* Lima: Instituto Bartolomé de las Casas/CEP, 2002, p. 61.

Para manter a esperança de um mundo mais humano e justo para todos é necessário acreditar na força transformadora da solidariedade e descobrir os caminhos que nos levam à “civilização do amor”. A solidariedade hoje exige de nós um compromisso com a defesa do meio ambiente. Assim sendo, não podemos deixar de lutar pela preservação da natureza, ou seja, na defesa da vida em sua totalidade. A missão profética e solidária hoje tem que se orientar na denúncia das injustiças e no serviço à vida que se encontra ameaçada. E a vida hoje se encontra ameaçada não só no campo econômico, mas também no campo ecológico. Preservar a Criação é acolher o grande dom que Deus nos deu: a vida. A solidariedade ecológica é missão salvífica de Deus a ser assumida por todos os seres humanos, cristãos ou não cristãos, mas de modo particular pelos que abraçam a fé.

A obra da Criação foi a primeira aliança de Deus com a humanidade (cf. Gn 1–2). O Senhor Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e nele colocou o ser humano para que o cultivasse e guardasse (Gn 2,15). Cultivar e guardar a “casa” que o Senhor Deus fez é uma vocação universal do ser humano, independentemente de raça, cor, credo e tudo o mais que marca as diferenças entre os povos. A negação a esta aliança afeta toda relação do ser humano com seu Criador e suas criaturas¹¹. Na Conferência da Igreja latino-americana reunida em Santo Domingo, em 1992, foi denunciada a proposta de um desenvolvimento econômico que privilegia a minoria em prejuízo das grandes maiorias empobrecidas e da própria natureza. Propõe, ao contrário, um “desenvolvimento sustentável”, conjugando crescimento econômico e respeito ecológico¹².

A luta pela preservação da natureza não pode estar dissociada da luta pela defesa da vida. Um agricultor que necessita plantar para o sustento de sua família não pode ser impedido de preparar a terra, derrubando um pedaço da mata. Um índio que necessita da pesca e da caça para sobreviver não pode ser impedido de pescar e caçar. O problema está na exploração abusiva do solo e na destruição do meio ambiente para favorecer grandes empresas nacionais e estrangeiras. O resultado disso é o desequilíbrio ecológico percebido pelos cientistas e ambientalistas de nosso planeta e sentido pelas populações do mundo inteiro. A contaminação das águas dos rios e oceanos, a destruição das matas, o lixo que contamina e traz doenças às populações das periferias urbanas, a poluição do ar, tudo isso tem trazido enormes prejuízos ao sistema ecológico e em conseqüência às populações mais carentes¹³.

11. Cf. Santo Domingo, n. 169.

12. Cf. *Ibidem*.

13. Cf. RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. São Paulo: 2ª ed., Paulinas, 1989, p. 440-444. Este teólogo aponta cinco problemas que se tornam um desafio para os defensores do sistema ecológico mundial: a) o aumento da população e a insuficiência de alimentos em decorrência da injusta distribuição dos mesmos; o crescente desnível entre o crescimento demográfico e o aumento da produção de alimentos; b) o esgotamento das reservas naturais associado ao uso descontrolado das matérias-primas; c) a poluição do ar nociva à vida humana, vegetal e animal; a devastação de florestas e a destruição da cobertura vegetal que causam empobrecimento do solo e a extinção de muitas espécies de animais; a poluição das águas de rios, lagos e mar, escasseando a água doce; a poluição derivada da urbanização descontrolada e, finalmente, a poluição atômica causada pela radiação nuclear. A poluição afeta a saúde do ser humano colocando em risco sua sobrevivência; d) a corrida armamentista com sua monstruosa capacidade de destruição; e) a crise ecológica associada à escandalosa injustiça internacional.

A solidariedade ecológica é colocada diante de três grandes desafios: o primeiro deles é a denúncia contra os grandes monopólios que controlam as indústrias madeireiras e de mineração, devastando grandes extensões de matas virgens para extrair as riquezas naturais, sem a mínima preocupação com o meio ambiente. Usufruem egoisticamente de um bem comum que pertence a toda a humanidade. O segundo desafio é a defesa do meio ambiente, não somente na luta contra a destruição das matas, mas também denunciando a má distribuição e a perversa mania de destruir para acumular riquezas. O terceiro é tentar impedir que grandes companhias estrangeiras explorem e exportem as riquezas naturais dos países pobres para os países ricos.

Alfonso G. Rubio afirma que “a contaminação do meio ambiente, a exploração abusiva e depredadora dos recursos naturais, os arsenais de armamentos nucleares e convencionais etc. são problemas derivados da orientação dada pelo homem moderno à industrialização. Certamente não são problemas criados pelos povos subdesenvolvidos”¹⁴.

São problemas a serem enfrentados pelas organizações que defendem o sistema ecológico, quando as grandes maiorias de nossa gente latino-americana se encontram prostradas na miséria e no limite entre a vida e a morte. Como recuperar a dimensão correta de administrar a criação no sentido de preservar suas criaturas?

Os cristãos que se reuniram na Conferência da Igreja latino-americana em Puebla (1979) já haviam constatado que é possível encontrar uma preocupação eclesial latino-americana com a questão ecológica¹⁵. No nível mais popular da teologia da libertação, a prática da solidariedade entre os seres humanos implica numa relação nova com a natureza criada, superando a utilização coisificante. Os mecanismos e estruturas que depredam a natureza são os mesmos que instrumentalizam o ser humano e os povos. É necessário, pois, não só a mudança de mentalidade, mas, sobretudo, a mudança estrutural¹⁶.

Treze anos depois, na Conferência de Santo Domingo, os cristãos apontam para o cultivo de uma espiritualidade que recupere o sentido de um Deus presente na natureza; pedem que as pessoas aprendam dos pobres a vivência da solidariedade e valorizem “a sabedoria dos povos indígenas no tocante à preservação da natureza como ambiente de vida para todos”¹⁷.

Uma solidariedade ecológica exige de nós um permanente diálogo com outros movimentos ecológicos e ecumênicos em torno da defesa do meio ambiente. “Francisco de Assis, em seu amor aos pobres e à natureza, mostrou este caminho”¹⁸.

14. Ibidem, p. 458.

15. Cf. Puebla, n. 134, 496, 327, 1.236.

16. Cf. RUBIO, A.G. Op. cit., p. 459-460.

17. Santo Domingo, 169.

18. Cf. Ibidem, 170.

8. Linhas de ação na dimensão libertadora da solidariedade

Nossa ação solidária pode ser concretizada nos seguintes passos¹⁹:

Primeiro, tomar consciência da realidade, sentir compaixão dos que sofrem, ouvir o clamor dos aflitos e procurar conhecer as causas de todo tipo de sofrimento humano. Contemplamos Jesus que se colocou do lado do necessitado, do indigente e do pobre. Ele assumiu a cruz em solidariedade ao povo sofrido para poder superar a injustiça humana.

Segundo, conhecer o princípio teológico que é a marca da atitude solidária de Jesus, isto é, o fato de Ele ter se encarnado para poder assumir em plenitude o sofrimento humano. A partir de sua dor, Jesus pôde ser solidário com o sofrimento humano. Conhecendo nossa fraqueza, Jesus mostrou a força de Deus para superar os obstáculos que impedem a dignidade da vida humana.

Terceiro, a partir do próprio lugar do sofrimento, assumindo a condição humana, Jesus compartilhou a vida dando impulso à verdadeira solidariedade a partir do lugar do pobre. Jesus ensinou a partilhar compartilhando.

Quarto, ao anunciar a Boa-Nova do Reino, Jesus colocou-a na perspectiva da opção de Deus pelos pobres a partir dos quais cumpre seu sentido de “solidariedade e protesto”, reconhecendo a pobreza material que oprime e desumaniza. Para entender a solidariedade com o pobre no Brasil e América Latina, temos que reconhecer a dura realidade de sua pobreza que escandaliza todo um continente em sua maioria habitado por cristãos.

Quinto, a solidariedade deverá estar enraizada numa espiritualidade que reconhece, através da análise social e econômica, as raízes estruturais da pobreza com todos os seus mecanismos e sistemas. Um espírito solidário jamais deixará de ver a realidade da pobreza e da miséria como conseqüências de estruturas injustas que mantêm relações sociais e econômicas injustas. Se existem pobres e multidões vivendo na extrema miséria é porque do outro lado do muro existem ricos que exploram ou que não se incomodam com a situação dos que passam necessidade. Essas desigualdades demonstram o sistema injusto de uma sociedade que supervaloriza os que têm e despreza os economicamente despossuídos. Nossa luta deve ser orientada a partir da exigência de mudanças que transformam através de um amor eficaz, não por uma caridade ingênua.

Sexto, a práxis solidária exige acolher o pobre para que ele não se sinta mais abandonado. Os cristãos terão que estar motivados por uma autêntica compaixão, a mesma demonstrada por Deus na história de seu povo e revelada por Jesus Cristo nos momentos em que a vida se encontrava ameaçada.

Sétimo, muitos entendem a solidariedade como algo romântico e abstrato. Isso pode acontecer quando faltar o gesto concreto, uma ação pastoral responsável, o esforço concentrado na prática da hospitalidade, da atenção e do cuidado à pessoa necessi-

19. BRIONES, L. “Para educar en la solidaridad. Líneas de acción”, In: A.A.V.V., *Sobriedade y solidaridad*. Madrid: Editorial Popular, 1987, p. 78-86.

tada. Nossas palavras devem sempre ser acompanhadas de gestos e ações concretas no serviço aos pobres. A solidariedade é um modo de se viver o Evangelho, um estilo novo que transforma toda a vida daquele que se entrega solidariamente aos necessitados. É um estilo de vida que encarna o espírito solidário de Jesus. Mais importante do que saber que Jesus agiu solidariamente em tudo o que disse e fez é conhecer de que maneira foi realizando essa opção fundamental²⁰.

Oitavo, a solidariedade exige mudanças na forma de viver. A sociedade contemporânea, fortemente marcada pelo consumismo e pelo individualismo, tem trazido grandes obstáculos para a convivência social. Novas formas de solidariedade poderão contribuir para o rompimento dos modelos existentes que isolam as pessoas em pequenos mundos fechados no saudosismo ou na angústia de não encontrar saídas. Nas sociedades tecnologicamente mais avançadas existe um grande vazio que corrói o ânimo e a esperança dos povos. Muitos acabam se acostumando a viver fechados em si mesmos e desmotivados para amar a vida. Não se cria mais um espaço para a ternura, o sonho, a imaginação. A solidariedade cria laços de amizade e esta pode levar ao compromisso comunitário e social na busca de um mundo melhor para todos.

Nono, para superar a falta de solidariedade há necessidade de um momento para analisar e refletir a situação e descobrir que somos na sociedade em que vivemos fermento na massa, pela construção de um mundo mais fraterno, humano e justo. Existem cristãos que ainda não aceitam que nas igrejas se fale de política. A política é o espaço onde se constrói concretamente a nova sociedade sonhada pelos cristãos militantes. A consciência política torna os cristãos responsáveis pela situação e dispostos a superá-la com sua contribuição. A contribuição dada pelos cristãos pode gerar um plano de convivência que desperta para este mundo solidário. O mundo melhor que desejamos não surge espontaneamente, mas sim através do esforço e empenho de cristãos comprometidos com a vida.

Décimo, a práxis solidária exige dos cristãos uma ação profética. Nossas igrejas não podem ficar à margem dos acontecimentos sociais desprovidas do elemento crítico. Uma pastoral solidária exige dos cristãos o caminhar lado a lado com o povo. Como fermento na massa, os cristãos devem estar presentes nas organizações populares e políticas do povo, espaço onde o Reino de Deus atua em meio às lutas pela defesa da vida e pela dignidade humana.

Outras linhas de ação solidária poderiam ser enumeradas: a) a experiência do sofrimento a partir do lugar daqueles que sofrem; b) descobrir os mecanismos da falta de solidariedade não aceitando uma solidariedade ingênua, romântica e acrítica; c) solidariedade na partilha e no acolhimento; d) entrar na dimensão política da solidariedade, analisando os mecanismos estruturais da marginalização e opressão; e) abrir-se à comunhão com o Pai na graça comunicante do Filho. A partir daí celebrar a vida na ação solidária e receber o influxo espiritual que ela produz. Desfrutar nossa vida em solidariedade.

20. Cf. CASTILLO, J. M. *El discernimiento cristiano*. Salamanca: Sígueme, 1984, p. 141.

O acolhimento da Graça desperta nos cristãos e em todo ser humano de boa vontade uma atitude solidária que leva a acolher o miserável, o sofredor e o necessitado, experimentando com ele sua angústia e empenhando-se numa ação libertadora. Para realizar esta missão os cristãos terão que enfrentar três desafios: dar de comer aos famintos, denunciar as estruturas geradoras da fome e oferecer condições para que os pobres se organizem e busquem eles mesmos as condições necessárias para uma vida mais digna e humana²¹.

O serviço solidário das comunidades cristãs não pode, pois, restringir-se à pura assistência, mas terá que contribuir para a humanização libertadora e integral de todo ser humano. Apoiar aos trabalhadores do campo e da cidade oferecendo a eles condições de tomar consciência de seus direitos e de suas responsabilidades para que possam se organizar e trabalhar solidariamente por uma sociedade mais justa e fraterna²².

A opção preferencial e solidária pelos pobres e contra a pobreza implica, em princípio, para os cristãos conversão e mudança de lugar social. Só assim poderão olhar a situação a partir da causa das grandes maiorias empobrecidas. Esta solidariedade libertadora descobre como prioritária a mudança estrutural para a realização da justiça e da paz social. A partir dos pobres descobre ainda a dimensão libertadora do Evangelho que fala de um Reino que tem seu começo já e aqui na terra quando se faz justiça e se constrói fraternidade na sociedade²³.

Conclusão

O Novo Testamento retoma toda a experiência de um Deus solidário quando fala da nova aliança e do novo povo. Pela encarnação e pela cruz, Jesus Cristo realiza a nova aliança, onde a antiga ganha seu sentido pleno²⁴. Os gestos e palavras de Jesus que se encontram nos evangelhos são expressões de solidariedade. A realidade do povo latino-americano pode ser comparada à situação daquele homem caído à beira do caminho esperando por socorro. Um samaritano, estrangeiro, fez o que o mestre da lei, o sacerdote e o levita teriam que fazer com todo seu conhecimento e aparato institucional: socorrer os necessitados (cf. Lc 10,25-37).

O amor não consiste somente em comover-se ante a miséria do outro. O samaritano, diante daquele homem caído à beira do caminho, se deteve num lugar muito perigoso e, arriscando a própria vida, se comprometeu a custear tudo o que fosse necessário para restaurar a vida daquele desconhecido.

O testemunho solidário exige mudanças nas relações internas das comunidades cristãs priorizando a fraternidade, a participação e a comunhão. Devemos privilegiar os valores evangélicos como a pobreza, não a miséria, a liberdade, o serviço gratuito, a

21. Cf. MUÑOZ, R. *Solidariedade libertadora: Missão da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 56-61.

22. Cf. *ibidem*, p. 71.

23. Cf. BOFF, L. *E a Igreja se fez povo...* op. cit., p. 152.

24. Cf. ALVAREZ, C. *Una Iglesia en Diaspora: apuntes para una eclesiología solidaria*. DEI. San José: Costa Rica, 1991, p. 15-20.

abertura aos sinais dos tempos e às novas culturas. Ter a coragem de “nadar contra a corrente” no anúncio do Reino e na denúncia profética no mundo contemporâneo.

Diante da insegurança, solidão e anonimato que toma conta da sociedade pós-moderna, e frente à marginalização e exclusão social provocada pela globalização da economia, há que se retomar, a partir de cada nova conjuntura, a opção pelos pobres e incentivar a recriação de comunidades eclesiais a fim de permitir às pessoas uma relação mais estreita e pessoal e de criar condições para o cultivo da vida fraterna e solidária. Os jovens, desconfiados das instituições, sentindo-se mais próximos, solidários e seguros, voltarão a sonhar com as mudanças necessárias para reverter este quadro de exclusão social em que eles são as maiores vítimas.

Dentro de uma visão cristã da vida e da história, os aspectos mais importantes de uma comunidade solidária são os seguintes: o primeiro deles pode ser encontrado em sua *opção fundamental de não viver para si mesma, mas para os outros*, a vida inteira, na práxis da libertação solidária. Esta consiste em buscar autenticamente a verdade, viver efetivamente o amor e lutar comprometidamente pela justiça. Estes três elementos da vida cristã são três dimensões de uma única opção fundamental e de um único compromisso vivido de libertação solidária. O segundo consiste na *vivência comunitária da fé* por meio da qual se faz *a memória viva de Jesus* que consiste em atualizar, a partir de sua pessoa e história, suas opções, sua práxis concreta, sua mensagem e seus conflitos, sua entrega e seu destino, sua morte e ressurreição; *a experiência encarnada de Deus* que pode ser feita de dois modos: positivamente, como fundamento, presença libertadora na vida e na história humana, horizonte absoluto da verdade, do amor e da justiça; e negativamente, como o Ausente e Rejeitado em toda injustiça, crueldade, difamação do ser humano e em toda indiferença em face do sofrimento alheio; e *a esperança ativa de seu Reino* onde todas as pessoas se reconhecem como irmãos e irmãs, filhos e filhas de um mesmo Deus e Pai que quer vida em plenitude para todos.

Certa vez, Martin Luther King disse que o verdadeiro amor não se conformava em simplesmente aliviar a dor daquele que sofre. “Para começar, importa ser bom samaritano àqueles que estão caídos à beira do caminho. Isto, sem dúvida, não é nada mais que um começo. Chegará, pois, o dia em que teremos que reconhecer que o caminho para Jericó deve ser feito de outra maneira, a fim de que homens e mulheres já não sejam golpeados e despojados continuamente enquanto avançam pelos caminhos da vida”²⁵.

Com o exemplo do samaritano, Jesus mostra que muitas vezes os responsáveis pela religião ou os que se crêem ser cumpridores da Lei não sabem amar de verdade. O verdadeiro amor, a verdadeira solidariedade estava, pois, escondido na vida de um samaritano, um estrangeiro visto pelos judeus como herege.

Podemos hoje fazer a experiência de um Deus que manifestou sua Graça em plenitude na vida concreta de Jesus Cristo. Tudo na vida e na mensagem de Jesus nos fala da Graça de um Deus solidário que vem ao mundo exercer seu reinado entre os empo-

25. Cf. nota de Lucas 10,25-37. In: *La Nueva Biblia Latinoamericana*, XLIII ed. Madrid: Ediciones Paulinas e Estrella, Navarra: Verbo Divino, 1982.

brecidos e excluídos da sociedade. O anúncio de um Deus solidário, comprometido com a causa humana, deve ser objeto de nossa ação missionária no contexto histórico em que vivemos.

Referências bibliográficas

1. PUEBLA (Texto oficial da CNBB): *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1982.
2. SANTO DOMINGO (Texto oficial): *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo: Paulinas, 1992.
3. FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Lucas – Tradução e comentários*, em: Os Evangelhos (II), Rinaldo Fabris e Bruno Maggioni. São Paulo: Loyola, 1998. Veja também MOREIRA, Gilvander Luis. *Lucas e Atos: uma teologia da história – Teologia lucana*. São Paulo: Paulinas, 2004 (Coleção: Bíblia em Comunidade. Série: Teologias Bíblicas, 12).
4. BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1997.
5. _____. *E a Igreja se fez povo, Ecclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
6. DUSSEL, E. *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981.
7. GUTIÉRREZ, G. *Dónde dormirán los pobres?* Lima: Instituto Bartolomé de las Casas/CEP, 2002.
8. RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
9. MUÑOZ, R. *Evangelho e libertação na América Latina: a teologia pastoral de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1981.
10. _____. *Solidariedade libertadora: Missão da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1982.
11. FLORISTÁN, C. *Conceptos Fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983.
12. CASTILLO, J.M. *El discernimiento cristiano*. Salamanca: Sígueme, 1984.
13. BRIONES, L. “Para educar en la solidaridad. Líneas de acción”. Em: Vários autores. *Sobriedad y solidaridad*. Madrid: Editorial Popular, 1987.
14. MUÑOZ, R. *Experiencia popular de Dios y de la Iglesia*. Em: Vários autores. *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*, 1992.

José Luiz Negri
Rua Wilson Nogueira, 370
26535-150 Nilópolis, RJ